



**Circuito Tela Verde: a experiência da mostra e o campo da Educomunicação
Socioambiental**

Rachel Hidalgo¹
Gisleine Cruz Portugal²
José Vicente de Freitas³

Resumo: O artigo apresenta a interpretação de duas experiências realizadas a partir da 7ª e 8ª edições do Circuito Tela Verde - CTV, Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente, realizado pelo Ministério do Meio Ambiente, com o objetivo de re-conhecer o projeto em um contexto de Educomunicação Socioambiental. O estudo foi feito com base no referencial proposto pelo Programa de Educomunicação Socioambiental e concluiu que as proposições do CTV atendem aos princípios e fundamentos expostos no documento, sendo um relevante dispositivo para mediar ações dentro do campo em que foi inspirado.

Palavras-chave: Educomunicação Socioambiental. Educomunicação. Circuito Tela Verde.

**Circuito Tela Verde: the experience of the show and the field of Socio-environmental
Education**

Abstract: The article presents the interpretation of two experiments carried out from the 7th and 8th editions of the Circuito Tela Verde - CTV, Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente, conducted by the Ministério do Meio Ambiente, with the objective of re-knowing the project in a context of Socio-environmental Educommunication. The study was based on the framework proposed by the Programa de Educomunicação Socioambiental and concluded that the CTV proposals comply with the principles and foundations set forth in the document, being a relevant mechanism to mediate actions within the field in which it was inspired.

Keywords: Socio-environmental Education. Educommunication. Circuito Tela Verde.

¹Mestranda em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande - PPGA/FURG. E-mail: rachelhidalgo@ribombo.com

²Mestranda em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande - PPGA/FURG. E-mail: emaildagis@gmail.com

³Pós-Doc em Ciências Ambientais. Universidade Federal do Rio Grande - PPGA/FURG. E-mail: josevicentedefreitas@ribombo.com

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

Circuito Tela Verde: la experiencia de la muestra y el campo de la Educomunicación Socioambiental

Resumen: El artículo presenta la interpretación de dos experiencias realizadas a partir de la 7ª y 8ª ediciones del Circuito Tela Verde - CTV, Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente, realizado por el Ministerio do Meio Ambiente, con el objetivo de volver a conocer el proyecto en un contexto de Educomunicación Socioambiental. El estudio fue realizado con base en el referencial propuesto por el Programa de Educomunicação Socioambiental y concluyó que las proposiciones del CTV atienden a los principios y fundamentos expuestos en el documento, siendo un relevante dispositivo para mediar acciones dentro del campo en que fue inspirado.

Palabras-clave: Educomunicación Socioambiental. Educomunicación. Circuito Tela Verde.

Introdução

Nos anos 80 e 90, durante as ditaduras militares, surgiram na América Latina movimentos pautados pelos direitos humanos e manejo sustentável dos recursos naturais, entre outras frentes compostas por pessoas com ideal político de enfrentamento à dominação. Entre suas ações, estava a Comunicação Popular/Alternativa: um fazer comunicacional democrático e participativo.

Com este conceito, foram criados folhetins, boletins informativos, faixas, cartazes, panfletos, jornais, rádios comunitárias e outros. Os movimentos que atuavam neste âmbito levantaram a bandeira de que os veículos de comunicação eram bens públicos e, portanto, deveriam ser acessados por todos/as os/as cidadãos/ãs, com a intenção de ampliar seus manifestos e se comunicarem entre si. Tratava-se de um público diferente daquele que costumava ter voz diante de grandes massas, como: homossexuais, trabalhadores/as do campo e da indústria, negros/as, cidadãos/as conhecidos/as como “sem-terra”, defensores/as da natureza, mulheres, entre outros/as marginalizados/as de seus direitos, como a saúde, moradia, transporte, etc (PERUZZO, 1998).

Com o reconhecimento dos veículos de comunicação como instrumentos capazes de democratizar, de forma mais rápida, a informação, os/as agentes sociais se posicionaram como produtores/as de mensagens, assim como também se aprofundaram na análise dos discursos midiáticos junto às comunidades. E assim, promoveram uma nova perspectiva sobre a intervenção social, caracterizando essa nova forma de dialogar nos meios. Neste percurso, as demandas sociais foram aliadas à formação para cidadania, inserindo tais ações em processos de educação não formal. “Nesse sentido, estaríamos diante de um fenômeno novo, mobilizador; com exigências teórico-metodológicas que nem sempre contam do ideário ou das práticas previstas para o ensino formal” (SOARES, 2010, p. 4).

Vale ressaltar que a comunicação popular/alternativa já era valorizada antes do seu

período de maior sustentação, isto é, a partir da metade do século XX. Anísio Teixeira (1930), Paulo Freire (1950) e Mário Kaplún (1960) são alguns exemplos de pesquisadores/as que desenvolveram projetos neste mesmo campo, em um contexto que fora chamado de Educação Popular. Por outro lado, foi somente ao longo da década de 1990 que a mudança de paradigma pedagógico figurou nas pesquisas brasileiras.

Em 1996, foi fundado o Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - NCE/USP, sob a coordenação do professor e jornalista Ismar de Oliveira Soares. Compondo este grupo, pesquisadores/as de várias universidades do Brasil, interessados/as na inter-relação entre Comunicação e Educação, auxiliaram em um trabalho junto à 12 países latino-americanos e da Península Ibérica, fixando, assim, um pouco mais o contorno do novo campo que surgia: Educomunicação. Com isso, definiu-se essa nova área de estudos como:

(...) um conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação dos processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas e ampliar a capacidade de expressão das pessoas (SOARES, 2010, p. 1).

Desta forma, podemos notar que o processo se dá, de fato, quando o/a educador/a é capaz de se apoderar dos atributos da comunicação e, coletivamente, dar um destino de prática cidadã por meio da educação, seja ela formal, não formal ou informal. Em suma, é um campo que propõe a formação de receptores/as críticos/as e ativos/as diante dos processos comunicativos aos quais estão submersos/as.

Quando a Educomunicação foi, em alguma medida, reconhecida como uma possibilidade para viabilizar ações dentro do campo da Educação Ambiental, ocorreu o desdobramento chamado Educomunicação Socioambiental. Por seu turno, corresponde às práticas que envolvem a dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais e que estão relacionadas à participação coletiva e democrática por meio do dialogismo. Neste sentido, atuar neste campo mais estreito significa refletir sobre os discursos ambientais midiáticos, visando um pensamento mais complexificado com o objetivo de não reproduzir a insustentabilidade de uma cultura pautada pelo consumismo desenfreado; promover ações que tenham o objetivo de gerar mais autonomia entre os/as cidadãos/ãs, para que sintam-se municiados/as para se organizar e, assim, participar dos sistemas de comunicação a fim de fortalecer os objetivos da educação ambiental; alimentar processos

de comunicação entre suas mais variadas linguagens e possibilidades dialógicas; rever comportamentos individualistas, reducionistas e aspectos psicológicos impressos nos discursos publicitários aos quais estamos frequentemente expostos (MARTIRANI, 2008).

Desde 2003, o Programa Nacional de Educação Ambiental - ProNEA assume a Comunicação como uma de suas linhas de ação por meio da “Comunicação para a Educação Ambiental”. Anos mais tarde, delineando mais o campo, passa a definir ações no contexto da Educomunicação Socioambiental e é neste ínterim que foi criado o projeto Circuito Tela Verde - CTV, Mostra Nacional de Produção Audiovisual Independente.

Atualmente, dada a inserção em complexos processos comunicativos, a exemplo do computador, celular, videogame, câmera fotográfica e filmadora, filmes, história em quadrinhos, jornais, revistas, publicidade, aplicativos, entre muitos outros elementos que produzem uma mescla de linguagens e saberes, a Educomunicação, assim como também a Educomunicação Socioambiental, parece se alargar cada vez mais, acompanhando as sociedades por meio dos dispositivos midiáticos. O CTV, por exemplo, é um festival de vídeos promovido pelo Departamento de Educação Ambiental - DEA, da Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental - SAIC, do Ministério do Meio Ambiente - MMA e trata-se de um projeto que seleciona vídeos em todo o território nacional, produzidos por diferentes agentes sociais, com experiências e maneiras diversificadas de se relacionar com o meio, construindo, assim, a cada nova edição, rico acervo audiovisual sobre o tema socioambiental.

Levando em conta tal movimento empreendido, principalmente quando este é assumido como uma das estratégias da Política Nacional de Educação Ambiental, passa a ser importante objeto para pesquisa. Por isso, torna-se a proposta deste artigo re-conhecer o projeto CTV dentro de um contexto de Educomunicação Socioambiental, o campo em que foi inspirado. Para tanto, é utilizada como abordagem a interpretação de duas experiências realizadas a partir dos aportes da mostra, relacionando ambas com o referencial publicado pelo próprio ProNEA, na versão atualizada de 2008, intitulado Educomunicação Socioambiental: comunicação popular e educação (BRASIL.MMA.ProNEA, 2008).

Neste sentido, e a partir do contexto histórico que construímos até aqui, o objetivo deste trabalho é compreender a prática da mostra CTV efetivamente dentro do campo que a originou, relacionando os princípios com as articulações percebidas durante as duas ações e, assim, colaborar com os estudos e pesquisas acerca do tema, além de ampliar os diálogos que o contornam.

1. CTV como abordagem em ações de Educomunicação Socioambiental

A partir das seleções via chamadas públicas virtuais que realiza, o Circuito Tela Verde contém um acervo de mais de 300 filmes, entre curta, média e longas metragens. Por outro lado, ao distribuir tais artefatos para agrupamentos sociais inscritos como “espaço exibidor”, já alcançou mais de 8 mil localidades até a sua mais recente edição (2018), entre Salas Verdes, instituições articuladoras de coletivos, pontos de cultura, cineclubes, instituições de ensino fundamental, médio e superior, associações comunitárias, comunidades indígenas, Unidades de Conservação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza - SNUC, entre outros (BRASIL, 2017). Criado em 2009, tem como proposta:

(...) divulgar e estimular atividades de Educação Ambiental, por meio da linguagem audiovisual, e assim fomentar a construção de valores culturais comprometidos com a sustentabilidade socioambiental (BRASIL, 2017).

A 7ª e 8ª mostras do CTV, edições utilizadas na proposta deste artigo, são compostas por 37 vídeos na primeira; enquanto a segunda por 28. Os filmes abordam questões como: inclusão socioambiental, desmatamento, desperdício de alimentos, comunidades tradicionais, biodiversidade, água, resíduos sólidos, saneamento e Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

A seguir, descrevemos duas experiências com o CTV a fim de refletir sobre os aportes teóricos da Educomunicação Socioambiental e como eles foram articulados durante as respectivas práticas. Para isso, buscamos relacioná-las com os princípios do campo propostos pelo ProNEA (BRASIL.MMA. ProNEA, 2008), os quais:

1. Diálogo permanente e continuado: necessidade de incluir os/as agentes sociais e também suas perspectivas, valorizando as experiências acumuladas.
2. Interatividade e produção participativa de conteúdos: a importância de não levar apenas a informação e o conhecimento pré-editados, reconhecendo a necessidade de ir além da transmissão de valores.
3. Transversalidade: reconhecimento das interfaces com todos os campos de saber envolvidos na questão socioambiental.
4. Encontro/Diálogo de Saberes: a importância da união e do contato entre diferentes atores/atrizes em uma atmosfera de respeito mútuo.
5. Proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular: buscar respeitar a

autonomia das identidades individuais e coletivas, no contexto das comunidades tradicionais e indígenas.

6. Democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental: pressupõe condições de acesso igualitárias, não somente à informação, como também aos meios de produção, além da gestão participativa.

7. Direito à comunicação: reconhece a comunicação como um direito e uma ação emancipatória para todos/as.

8. Não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana: fundamenta-se no respeito à diversidade, promovendo a adoção de linguagens inclusivas, não discriminatórias, estigmatizantes, sexistas, racistas ou preconceituosas (BRASIL. MMA. ProNEA, 2008).

Para ciência, se faz necessário mencionar também que a expressão socioambiental, no entendimento dos/as autores/as deste artigo, assim como menciona Carvalho (2008), está relacionada com a ideia de que os desequilíbrios ambientais são também sociais.

1.2. CTV na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, no Rio Grande do Sul

A primeira experiência a ser aqui apresentada aconteceu durante estágio de docência, parte integrante da formação do/a estudante no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental PPGEA/FURG. A disciplina “Relações e Práticas Ambientais I” foi oferecida como optativa no campus de São Lourenço do Sul. O propósito desta era promover diálogo sobre as potencialidades do cinema, do gênero documentário, como importante ferramenta para a educação, resistência e memória das comunidades. Desta forma, os filmes recebidos na universidade, referentes à 8ª edição, auxiliaram na promoção de debates pós-sessões.

Dialogando diretamente com a proposta de docência, a exibição dos vídeos aconteceu com a participação de 19 estudantes, entre 18 e 55 anos, matriculados/as entre as graduações de Agroecologia, Gestão Ambiental, Educação do Campo e Gestão de Cooperativas que, pelo interesse de carreira, já possuem certo caminho percorrido à respeito da temática socioambiental, além de repertório e olhares diferenciados para uma proposta de debate.

Com o recebimento dos DVD's, foram selecionados apenas três vídeos, entre as 28 opções, de acordo seu tema central, adaptando o material ao conteúdo programático da disciplina. Levando em conta o tempo do qual dispunham os/as participantes em sala de

aula, foi exibido um vídeo por aula, reorganizando, assim, a mostra em três dias, realizando debates pós-sessão. Desta forma, a exibição promovida no campus da FURG foi configurada de maneira a atender aos interesses do grupo.

Os filmes foram apresentados como possíveis referências do que poderia vir a ser produzido por eles/as para fechamento da disciplina. Ao término das exposições, muitos/as dos/as participantes sentiram a necessidade de dar suas contribuições a partir de experiências que tiveram durante seus estudos, em suas cidades natais ou em projetos nos quais já trabalharam. Uma característica da turma, que enriqueceu a conversa, é a sua diversidade regional. Nela, há pessoas que vieram do Rio de Janeiro, da capital e interior de São Paulo, Rondônia e municípios próximos do campus desta unidade da FURG, em São Lourenço do Sul, localizada no extremo Sul do Estado do Rio Grande do Sul.

Com distintos perfis sociais e diferentes maneiras de enxergar o ambiente, foi possível notar diversas correntes ideológicas nas contribuições discursivas dos/as participantes, com relação à sustentabilidade, economia solidária, gestão de alimentos, entre outros temas estimulados pelos filmes e também surgidos espontaneamente entre a turma.

O primeiro curta metragem chamado “Quanto vale 1/3?”, que trata dos impactos ambientais associados ao desperdício de alimentos e o que esse fato gera para a coletividade em termos de custos econômicos e sociais, levantou interessante diálogo entre os/as espectadores/as. Isso aconteceu após depoimento de uma das pessoas presentes, que vivia ao lado do lixão, na comunidade de Itaoca, em São Gonçalo- RJ e sua convivência com mulheres que garantiam sua sobrevivência a partir do que era colhido no local. A conversa teve a participação mais intensa dos/as alunos/as de Agroecologia que relacionaram o desperdício à má distribuição de alimentos em nível internacional, exemplificando dinâmicas desiguais de utilização de bens e serviços naturais pelos países, fazendo com que um mercado de tecnologia seja mantido de maneira injusta.

Outros/as também apresentaram algumas de suas experiências com relação ao sistema produtivo na cidade de São Lourenço do Sul, no que diz respeito à produção orgânica e a atuação das feiras e comércio local da cidade, ampliando o assunto para a valorização dos circuitos curtos, isto é, explorar as potencialidades regionais, diminuindo ao máximo a distância entre produção e consumo.

Já o filme “Carne e Casca”, que retrata a realidade de uma comunidade pesqueira do manguezal recifense, sugestionou questões sobre a pesca industrial predatória e sobre o trabalho dos/as atravessadores/as da cidade, que vivem em um sistema considerado

pelos/as alunos/as como escravagista. Entre algumas situações mencionadas pelo/as que conheciam o assunto mais a fundo, está o de uma das empresas de beneficiamento de frutos do mar, localizada na cidade, que financia uma série de serviços para os barcos no início da temporada de pesca, para mais tarde, comprar os peixes por valor menor do que o proposto pelos/as pescadores/as.

O último documentário exibido, “Parauninha: entre serras, pelas águas, com gente”, suscitou um diálogo sobre comunidades tradicionais e a agricultura familiar em paralelo com o agronegócio e o grande desequilíbrio relacionado à porcentagem de produção de alimentos e a área disponível para a mesma.

Após os três dias de exibição e diálogo, pode-se dizer que os artefatos culturais promovidos pelo Circuito Tela Verde foram ferramentas capazes de auxiliar na promoção de diálogo entre os/as espectadores/as de diferentes localidades, experiências de pesquisa e diversas fases “de vida”, elevando o conhecimento do público presente. Um elemento que não deve ser descolado do evento, é o fato de que a organizadora da mostra, estudante de Educação Ambiental, colaborou efetivamente para que os assuntos fossem pensados a partir dos fundamentos deste campo, na perspectiva em que a dicotomia entre natureza e sociedade é superada (CARVALHO, 2008).

Por mais que a responsável pela organização da mostra, na ocasião, estagiária de docência, seja considerada como a educadora da turma durante a realização dos eventos; além do fato de que o mesmo fora visto como uma atividade complementar da graduação; não havia nenhuma espécie de líder ou “atividade obrigatória para nota” nesta prática. O objetivo, da maneira em que foi proposto na experiência, resumia-se a suscitar compreensões relacionadas à temas locais e da academia, sem encerrar-se em si mesmo. Afinal, tratava-se mais de um encontro para inspirar novas ideias por meio de produções audiovisuais. No entanto, é notável que a mediação é parte fundamental para o intento desperto de manter os diálogos em um caminho que seja capaz de repensar comportamentos diante das demandas socioambientais.

1.3. CTV no projeto social Instituto Querô, em São Paulo

A seguinte experiência consistiu no intercâmbio de informações com outra organizadora da mostra, a cineasta e educadora Jéssica Lopes Godinho, coordenadora das Oficinas Querô, da ONG Instituto Querô, situada no litoral de São Paulo, em Santos. Trata-se de um projeto de capacitação audiovisual para jovens em situação de vulnerabilidade social que recebe, anualmente, 40 adolescentes para compor suas turmas. Participam de

seus processos seletivos também os/as moradores/as de São Vicente, Praia Grande e Guarujá, que são cidades com maiores índices de áreas marginalizadas.

Godinho é formada em Cinema e não tem, como contou, qualquer proximidade com o tema “meio ambiente”, considerado por ela a partir de um sentido reducionista, que enfatiza somente campos como o da Biologia, Ecologia e outros. Descobriu a possibilidade de trazer a mostra para o seu projeto através das redes sociais e o que chamou a atenção dela foi a oportunidade de introduzir uma temática diferente no universo do qual os/as integrantes da entidade já faziam parte, ou seja, a produção audiovisual.

A dinâmica no projeto, realizada com o material da 7ª edição do CTV, apresentou características diferentes. Em primeiro lugar, de acordo com a organizadora, a mostra foi promovida de maneira tradicional, isto é, realizado completamente em um dia; inicialmente, com a exibição de todos os filmes selecionados pela responsável; seguido de roda de conversa com o público sobre os filmes exibidos. Entre os 37 vídeos da mostra, foram escolhidos para exibição apenas 5 produções que canalizavam temas como populações tradicionais, coleta de lixo e poluição do mar, dada as características do grupo social e de sua localidade.

Realizar rodas de conversa após sessão de filmes já é um costume do projeto Instituto Querô, além de que é também um componente do perfil profissional da coordenadora trabalhar com Cinema por meio do viés educativo. E as conversas que surgiram entre os/as adolescentes durante o debate fez com que eles/as se aproximassem mais da história de vida uns/umas dos/as outros/as e aprendessem mais sobre as comunidades existentes nas suas cidades.

O filme intitulado “Terra do Meio” é narrado por meio da voz dos ribeirinhos da Terra do Meio, no Pará, em Altamira, mostrando uma série de características sociais da região, como modo de vida, migração, tensões no entorno em nome da busca da borracha entre fazendeiros, madeireiros e garimpeiros, além da homologação das reservas extrativistas. A educadora relata que tal situação foi comparada à reserva indígena localizada no Parque Estadual Xixová-Japuí, em São Vicente, local conhecido, primeiramente, como um “ponto turístico” por alguns/mas dos/as adolescentes, visão esta que foi revertida por uma aluna que havia realizado trabalho escolar sobre o lugar.

A menina contou aos seus/as colegas que visitou a aldeia chamada Paranapuã durante os primeiros Jogos Indígenas preparados pela comunidade e que tal evento não era somente focado no turismo, mas sim uma maneira de ter acesso à outras formas de vida, desconhecidas pelo não indígena. Além disso, era uma oportunidade de aprender com o

diferente e fazer com que isto se tornasse um importante elemento para o respeito mútuo entre os povos. Com o ensejo, a turma conversou também sobre a importância de valorizar o conhecimento de povos tradicionais, como os indígenas, ribeirinhos, quilombolas e outros.

O filme “Que se lixe o lixo” trata do assunto da coleta de lixo sob a perspectiva de uma folha de papel, quando apresenta duas trajetórias possíveis para o seu destino final: a primeira de maneira imprópria e a última com gestão adequada dos resíduos. Prontamente, o grupo apontou situações problemáticas a partir de suas experiências pessoais. Uma das jovens, residente de bairro marginalizado explicou à turma que, na comunidade em que vive, estavam acontecendo diversos entraves entre moradores e os donos de um supermercado local. Isso porque a empresa realizava descarte de lixo, composto por resto de alimentos estragados, na calçada do bairro, sem ao menos utilizar uma lixeira. Com isso, contou a aluna, passaram a conviver de perto com ratos e insetos que poderiam transmitir doenças.

A história narrada pela adolescente encontrou eco entre outros jovens que eram residentes de outros bairros com problemáticas semelhantes e, assim, discutiu-se sobre a importância da gestão do lixo domiciliar e de que maneira poderiam modificar práticas inadequadas, além de estimular a participação da sociedade em problemas do seu próprio bairro, como o apresentado pela aluna.

Assim como na experiência anteriormente relatada, ressaltamos que a mediação dos diálogos é parte fundamental do processo educacional proposto pelo CTV. Neste caso, a organizadora da mostra tem formação em Cinema, além de experiência em educação não-formal, o que empresta à sua ação componentes diferentes, igualmente importantes. Afinal, as características de cada grupo, do/a organizador/a da mostra aos seus/suas participantes, irão interferir no processo formativo de cada ação, resultando em uma interface das áreas do saber na questão socioambiental. Por outro lado, há elementos indispensáveis ao que diz respeito às práticas localizadas no campo da Educação e, sobre esta questão, haverá detalhamentos a seguir.

2. Reflexões acerca das experiências e a relação com o ProNEA

Como apresentado até aqui, a relação entre comunicação e educação ambiental nos dois contextos foi sendo construída durante processo de interlocução, pelo fato de os filmes terem sido analisados a partir de uma recepção crítica e contextualista, com a dinâmica das discussões direcionada para o desenvolvimento de habilidades, autonomia e sentimento de

pertencimento entre os/as participantes. Sendo assim, a interatividade entre diferentes campos do saber se mostrou presente, mostrando que o tema está aberto para todos/as que se sentem comprometidos/as com uma sociedade sustentável e não somente para especialistas no assunto.

Neste contexto, trabalhar a temática de cada filme, relacionando com a realidade individual dos/as envolvidos/as além de interligar com a realidade midiática, proporcionou um entendimento mais extenso sobre a ação comunicativa. Outro ponto relevante foi que, ao perceber alguns vídeos de caráter “amador” sendo exibidos na mostra nacional, tornou-se possível também desmistificar a produção audiovisual como sendo um saber exclusivamente especializado, especialmente na primeira experiência aqui apresentada, em que os/as participantes não tinham tanto contato com a produção de filme. Tal fator pressupõe a produção e gestão participativa da comunicação, incorporando valores democráticos.

Ambas as experiências apontam para o desenvolvimento de relações próximas entre todos/as os/as participantes, desde o/a organizador/a - que é responsável pela exibição e promoção do debate - até aos/as espectadores/as, que contribuíram com os seus olhares e suas experiências de vida, alargando o diálogo. Dessa forma, os saberes particulares e coletivos foram reconhecidos em sua diversidade, seja ela geracional, cultural, profissional ou outras corporeidades, assegurando assim um encontro de práticas, conhecimentos, papéis sociais, políticos, etc.

As bases teóricas que sustentam os princípios da Educomunicação Socioambiental propostas pelo Ministério do Meio Ambiente, por meio de pesquisadores/as e profissionais deste campo de estudos são, de forma simplificada, a elucidação da situação marginalizada em que as populações se encontram; a evidência da crise socioambiental a partir de um olhar crítico e, sobretudo, a denúncia das desigualdades sociais voltada para a prática cidadã, objetivando a transformação das sociedades por meio do direito à informação, à liberdade de expressão e ao acesso e gestão dos meios (BRASIL. MMA, ProNEA, 2018). Ao nos atentarmos para as formas de explorar os recursos audiovisuais subsidiados pelo CTV, foi possível concluir, com o auxílio das duas experiências interpretadas neste trabalho, que a mostra é capaz de estruturar ações para o alcance de tais propósitos.

Como proposta original, o CTV seleciona os filmes através de curadoria especializada, que expressa ter critérios como: abordagem crítica; diálogo com a Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA (BRASIL, 2017). Tal triagem auxilia para que discursos discriminatórios, estigmatizantes, sexistas, racistas e outros, não sejam

compartilhados e, paralelamente, a temática socioambiental seja priorizada. Contudo, os/as organizadores/as responsáveis, com os DVD's em mãos, têm ainda a possibilidade de fazer uma segunda filtragem de assuntos, de acordo com os interesses do seu grupo e do seu evento. Com a possibilidade de organizar uma exibição em diferentes espaços, exigindo somente a utilização dos equipamentos eletrônicos - como projetor e telão, ou superfície para projeção, aparelho de DVD ou computador com uma TV de tamanho que possibilite a visualização para um grupo de pessoas - e cadastramento gratuito por meio da Internet, o CTV se caracteriza como uma mostra alternativa, podendo ser realizada em vilas, escolas, aldeias, espaços abertos, entre outros. Tal flexibilidade coloca o projeto ao alcance de diferentes agentes sociais, viabilizando a democratização da comunicação e a acessibilidade à informação socioambiental. Pelo mesmo motivo, não tem controle de público, tornando-se um meio para que indivíduos comprometidos com os seus agrupamentos possam promover perspectivas mobilizadoras para formação de redes e outras práticas, além de possibilitar interfaces com discursos de diferentes áreas do conhecimento.

Após a vivência, além da interpretação da experiência de uma segunda organizadora, foi possível notar que o diálogo e a participação são elementos fundamentais para a efetivação do CTV, como propõe o texto orientador da mostra. Ressalta-se, assim que o projeto não estará completo somente com a exibição de filmes, sendo a realização do debate, roda de conversa, e outros formatos de dialogismo pós-sessão, fatores contundentes - como também é assinalado pelo projeto. Assim, quando os/as organizadores/as seguem os preceitos propostos, incluindo contextualizações e/ou outras características ao evento que consideram importantes, mantendo ainda sua proposição, acreditamos ser possível promover uma ação de caráter educ comunicativo socioambiental.

Em síntese, o Circuito Tela Verde atende aos seus pressupostos. Afinal, estimula, através de vídeos produzidos em todo país, a aproximação virtual de diversas experiências de vida, questionamentos, denúncias e enfrentamentos diversos e, paralelamente, subsidia ações que favorecem o protagonismo de atores e atrizes sociais diante de processos comunicativos.

Com relação à formação do/organizador/a, variavelmente, sendo este/a também o/a mediador/a dos debates promovidos durante os eventos, destacamos algumas considerações sobre a figura do/a educ comunicador/a. Esta, como vimos na tentativa de resgate histórico no decorrer deste trabalho, foi construída com base na contribuição da academia, de segmentos sociais e culturais e elementos populares, evidenciando que o

perfil desta figura recebeu colaborações dos mais variados segmentos sociais e intelectuais no contexto latino-americano. Por este motivo, e por mais que, atualmente, já existam cursos de graduação específicos do campo da Educomunicação, algo que indubitavelmente consideramos um avanço, defendemos que tal lugar ainda deve ser, também, ocupado por aqueles/as que não possuam formação específica, para que seja assegurada a transversalidade, no sentido do reconhecimento das convergências com todos os campos de saber envolvidos na questão socioambiental.

Considerações Finais

No decorrer deste trabalho, o empreendimento foi compreender, mesmo em síntese, a consolidação do campo da Educomunicação, assim como seu desdobramento que resultou em outra área, a Educomunicação Socioambiental. E, como vimos, ambos foram originados no exercício da criticidade, da ampliação das formas de expressão das comunidades, da formação de espaços educativos e do alargamento da recepção comunicativa em ações educativas.

A partir de tais compreensões, consideramos a Educomunicação como potente ferramenta da Educação Ambiental, por meio da articulação entre os processos educativos e as novas tecnologias da informação e comunicação, na defesa de que sejam criados cada vez mais projetos nessa interface entre os campos, como o que conhecemos neste artigo, chamado Circuito Tela Verde, afiançada a participação de todos/as os/as membros/as da comunidade.

Neste ínterim, sublinhamos a ação educacional como um meio de praticar a Educomunicação Socioambiental em sua dimensão de empoderamento, de possibilidade efetiva no favorecimento da transformação e da construção de um modelo civilizatório assentado na sustentabilidade a partir de estratégias como a organização de redes de interação social. E, concluímos, após todo o processo de trabalho aqui apresentado, que o Circuito Tela Verde possui subsídios para fomentar ações neste campo.

Referências

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental. **Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação**. COSTA, Francisco de Assis Morais da (Org.). Brasília: MMA, 2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental. **Programa Nacional de Educação Ambiental**. Guia orientador de mostras - CTV 8. Disponível em:

http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80219/Guia%20CTV%208_12_06_final.pdf
Acesso em 1 de setembro de 2017.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTIRANI, Laura Alves. Comunicação, Educação e Sustentabilidade: o novo campo da Educomunicação Socioambiental. **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio Grande do Norte: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2008.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Mídia Comunitária**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, n.30, 1998.

SOARES, Ismar de Oliveira. Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. Teleconferência. **3ª Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Sesi, UnB e Unesco (2010).

Submetido em: 23-09-2018.

Publicado em: 15-04-2019.